Revista Ñanduty
PPGAnt - UFGD

PPGAnt- Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 2317-8590
Dourados - MS - Brasil
www.ufgd.edu.br/nanduty

(...) UM EX-DOMINICANO QUE SE TORNOU UM ESTUDIOSO DA INQUISIÇÃO, INSTITUIÇÃO FORMADA PELA ORDEM DOS DOMINICANOS E UM ATEU, EX-FRADE QUE SE TORNOU UM HISTORIADOR DA RELIGIÃO NO BRASIL.

CARLA FABIANA COSTA CALARGE*

MARIO TEIXEIRA DE SÁ JUNIOR**

Luiz Mott, 67 anos, paulistano, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, Departamento de Antropologia. Referência na área dos estudos sobre religiões e uma referência na militância política a favor dos direitos LGBT no Brasil.

ANTES EU GOSTARIA DE LHE AGRADECER PELA SUA GENTILEZA.

Obrigada.

FALE SOBRE SUA DECISÃO DE SEGUIR A CARREIRA DE HISTÓRIA E DE ANTROPOLOGIA, FAZENDO A INTERLOCUÇÃO ENTRE ESSAS DUAS CIÊNCIAS.

Eu entrei em Ciências Sociais na USP, na Faculdade Maria Antônia, em 1965, logo após o golpe militar e fiz Ciências Sociais porque tinha saído do seminário, tinha um ideal muito apostólico de conversão e de serviço social, e a Sociologia e a Antropologia me pareceram as áreas mais próximas. Logo no segundo ano, eu tive a oportunidade de ler três livros que marcaram muito minha carreira futura, que foram: As Regras do Método Sociológico, do E. Durkheim; Os Parceiros do Rio Bonito, do Antônio Cândido; e a Ideologia Alemã [Karl Marx], que me influenciou definitivamente em relação a aceitar o materialismo histórico, o ateísmo, não só como explicação filosófica, mas como ideal de vida.

Fui formado, sobretudo, na área de sociologia, antropologia cultural e antropologia econômica: estudei mestrado na Sorbonne e Doutorado na Unicamp, com o tema "A Feira no Baixo Rio São Francisco". Para conhecer a origem e o histórico dessas feiras e mercados culturais do Nordeste, me vi obrigado a ir fazer pesquisa nos arquivos, primeiro em Sergipe, em seguida no Arquivo Nacional da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e posteriormente no Arquivo Histórico da Marinha em Portugal, e foi aí que eu descobri um enorme gosto pela pesquisa nos papéis velhos. Tive a sorte de ter conhecido, logo na primeira semana de pesquisa em Lisboa, o professor Stuart Schwartz, que me deu várias dicas para um aprendiz de feiticeiro e com o tempo, mais do que antropólogo, eu me tornei um etno-historiador e assim se consagrou toda a minha carreira enquanto pesquisador.

O SENHOR JÁ FALOU DAS SUAS INFLUÊNCIAS INICIAIS, MAS PODERIA FALAR UM POUCO MAIS SOBRE QUEM FORAM ESSES INTELECTUAIS, AUTORES E ESCOLAS AO QUAIS, AO LONGO DESSE PERCURSO, O SENHOR VEM SEGUINDO? O SENHOR COLOCA QUE VEM INICIALMENTE DE UMA ESCOLA MARXISTA. COMO FOI A SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL AO LONGO DA SUA CARREIRA?

Eu fui formado com professores assumidamente marxistas, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes e sua escola e alguns sociólogos e antropólogos culturalistas, como a professora Gioconda Mussolini, professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, Eunice Duhran. Na verdade, ao longo da minha formação, a graduação e a pós-graduação, acabávamos de sair, em termos de antropologia, do funcionalismo, onde Malinowski foi a grande influência, e o Estruturalismo, de Lévi-Strauss e a crítica de Geertz estavam na moda. Então eu não cheguei a ser influenciado pelo estruturalismo, mas muitos

* Bacharel em Comunicação Social e em Ciências Sociais, é mestranda do Programa de Pós Graudação em Antropologia (PPGAnt) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Hilario Aguilera Urquiza. Atualmente é responsável pela Coleção de Etnologia do Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), vinculado à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande-MS. Contato: carla.calarge@gmail.com
** Professor adjunto da UFGD/FADIR/PPGAnt/NEAB. mariosa@ufgd.edu.br.

professores seguiam e ensinavam essa tendência lá na *Maria Antônia* [USP].

Na França tive oportunidade de estudar com o Professor Ignacy Sachs1 e com o professor Isaac Chiva2 do Collège de France, que tinham uma preocupação na área da sociologia econômica e da história econômica muito mais vinculada ao Karl Polanyi do que propriamente ao Karl Marx. Também o Maurice Godelier3, que fez o famoso trabalho sobre as ideias caducas do marxismo em relação às sociedades não industriais, e o Claude Meillassoux4 foram autores que influenciaram a minha formação.

Li Foucault e, encontrei várias falhas em termos de reconstrução histórica, sobretudo na questão da homossexualidade e da sodomia. Sigo mais ou menos o estilo redacional do Focault, mas a sua influência não foi tão significativa. Eu considero que, mais do que me filiar a correntes teóricas ou escolas específicas, eu segui o exemplo e o auto conselho do apóstolo Paulo que dizia examinai tudo e escolhei o que for melhor. Eu peguei um pouquinho de Marx, de Polani, de Foucault, de Carlos Guilherme Mota, que foi meu primeiro professor de história na USP e destes uma colcha de retalhos. E não sou um teórico da historiografia, me considero muito mais um etnógrafo, um etno-historiador, do que propriamente um teórico das ciências socais.

COMO SE DEU INICIALMENTE A SUA MILITÂNCIA NA CAUSA LGBT? E ESSA TEMÁTICA NECESSITOU DE UMA REFORMULAÇÃO DA SUA TRAJETÓRIA TEÓRICA DENTRO DO CAMPO DA HISTÓRIA E DA ANTROPOLOGIA, JÁ QUE ME PARECE QUE O MARXISMO NÃO BUSCAVA UMA ESPECIFICIDADE NA CONTEMPLAÇÃO DESSA TEMÁTICA?

Ao entrar na universidade, aos 18 anos, em 1965, eu era o que pode ser classificado como um homossexual egodistônico. Eu tinha já experiências homoeróticas, mas eu tinha medo, tinha homofobia internalizada que me impedia de *sair do armário* e afirmar a minha essência existencial. Na época não havia movimento gay, nem aqui nem no exterior. Em 1969, quando eu iniciei o meu mestrado na França, é que surge nos Estados Unidos o moderno movimento homossexual e não chegou nenhuma repercussão a mim em Paris. Não havia nenhuma publicação científica do movimento, tratando do tema da homossexualidade. Na universidade, os temas Sexualidade Geral e Homossexualidade Particular era uma incógnita, estava ainda completamente dentro do armário. Com exceção do livro de Malinowski sobre a vida sexual dos trobiandeses, nada mais foi discutido em sala de aula durante toda a minha formação, graduação, mestrado e doutorado sobre o tema homossexualidade.

Após 5 anos sendo professor de antropologia na Unicamp, me casei como uma maneira de superar essa tendência que me causava desconforto, tive duas filhas e depois de 5 anos me dei conta de que quem estava errado era a sociedade e não eu. Então, depois de um processo doloroso de desquite e de afirmação identitária, eu mudei-me pra Bahia em 1979 e aí começou a minha militância, a partir de um episódio de violência em que eu fui vítima.

Eu estava com o meu companheiro vendo o pôr-do-sol no Farol da Barra quando um machão homofóbico me deu um tapa na cara. Eu fiquei de tal modo revoltado que, era 1979, uma época de extrema efervescência política, ano de fundação do PT e do Olodum, eu fundei o GGB (Grupo Gay da Bahia) que se tornou o mais dinâmico do Brasil, o mais antigo em funcionamento e que me serviu de base para a proposta de luta pela cidadania, hoje chamada LGBT.De modo que em termos de formação acadêmica e teórica sobre este tema, eu tive pouquíssimo. Não havia bibliografia disponível, eu não tive acesso a essas bibliografias e nem vasta discussão, tanto que ao propor meu projeto de pesquisa ao CNPQ para estudar os processos sodomitas perseguidos pela Inquisição de Lisboa, eu tive que camuflar o tema, falei que ia estudar sexualidade em geral, mas estava interessado nos desvios relacionados à homossexualidade. Felizmente não fui reprimido em minhas pesquisas, pelo contrário, consegui aprovação de importantes moções de apoio ao estudo sobre sexualidade em geral e homossexualidade, contra a homofobia, inclusive a favor das uniões estáveis do mesmo sexo, moções aprovadas por cinco ou seis associações científicas brasileiras, a começar pela SBPC, a Associação Brasileira de Antropologia, a Associação Brasileira de Estudos Demográficos, de Pós Graduação em Ciências Sociais, o que é um ponto a mais para a nossa academia que já nos anos finais de 1970, em 1980, abriu espaço para essa área que primeiro foi chamada de Estudos Gays e Lésbicos, depois de Gênero ou de Estudos sobre LGBT.

1. Ignacy Sachs é socioeconomista e professor titular da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, nesta instituição fundou, em 1985, o *Centre de recherches sur le Brésil Contemporain*

2. Isac Chiva, antropólogo, atuou no Laboratório de Antropologia Social do Collège de France e presidiu a Sociedade Francesa de Etnologia.

3. Maurice Godelier é um antropólogo francês que foi diretor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris.

4. Claude Meillassoux, antropólogo africanista francês que se dedicou ao ramo da Antropologia econômica.

PROFESSOR, EM QUE MOMENTO A PESQUISA COM A TEMÁTICA "RELIGIÃO" PASSA A FAZER PARTE DA SUA REALIDADE ACADÊMICA? COMO FOI, A PARTIR DE 1979, O SENHOR ESTANDO NA BAHIA, PESQUISAR PRÁTICAS RELIGIOSAS NA BAHIA.

Eu, quando tive a felicidade de encontrar o professor Stuart Schwartz, que eu considero o maior brasilianista que já tivemos, encontrei-o no Arquivo Histórico da Marinha em Lisboa. Eu estava pesquisando as feiras do Nordeste, reclamei que não encontrava material, passava o dia inteiro no arquivo e não encontrava, porque era um assunto marginal, um assunto menor dentro da documentação colonial brasileira. E ele me deu uma dica que eu já passei pra todos os estudantes que eu tive oportunidade de orientar, dizendo que quando se vai fazer uma pesquisa em um arquivo ou mesmo uma pesquisa antropológica, etnográfica contemporânea, nunca se atenha a apenas um tema, mas além do tema principal, se abra o leque para dois ou três assuntos paralelos. E foi o assim que ao pesquisar as feiras e mercados, na antropologia e história econômica, eu me interessei pela demografia histórica, porque eu encontrei vários documentos e mapas de população, as estatísticas, como eram chamadas antigamente, e que eu achei que era um tema material que poderia render bastante.

Então me interessei pela demografia histórica e fiz trabalhos significativos principalmente a respeito do Piauí colonial, da pecuária no sertão. Encontrei e pesquisei documentos sobre relações raciais sobre negros, sobre índios, sobre mulheres, tema que tem muito a ver com sexualidade, a questão do gênero. Como eu vinha de uma formação religiosa, durante todo o meu curso de ginásio clássico e dois anos no seminário maior dos dominicanos, eu disponho de um conhecimento empírico-vivencial sobre a religião católica. Depurado pela minha conversão ao ateísmo e ao materialismo histórico, isso me permitiu aproveitar esse meu conhecimento sobre religião para, ao encontrar documentação tratando desse tema, eu me aprofundar. Então tudo que eu encontrava, sobretudo no arquivo nacional da Torre do Tombo, relativamente ao Brasil, tratando de feitiçaria, rituais heréticos, blasfêmias, ascetismo e religiosidade, eu anotei sistematicamente e tive a felicidade de encontrar documentos vitais para o resgate da história das religiões afro-brasileiras no Brasil. Em especial os camundús, quando descobri dois documentos longos e muito etnográficos, um sobre um ritual chamado Acotundá em Paracatu, que fica no espaço entre Minas e onde é atualmente Brasília, e outro sobre o Calundú, em Sabará, ambos em meados do século XVIII e que são a informação mais detalhada sobre o que eu chamei de um proto-candomblé de tradição Mina-Ketu e o de Sabará, Luzia Pinto era a mãe de Santo, a sacerdotisa, era um ritual de origem angolana, Bantu. Casualmente a professora Laura de Mello e Souza me convidou para fazer parte da Coleção da Companhia das Letras sobre a História da Vida Privada no Brasil5, e me solicitou um arquivo sobre religião, cujo título ficou "Da capela ao calundu".

Eu nunca havia sistematizado uma visão de conjunto sobre a religiosidade no Brasil, então o compromisso de escrever esse artigo me obrigou a fazer esse percurso e que, parece, foi bem sucedido porque a própria editora, a Lilia Schwartz, disse que é um artigo primoroso. Foi assim, um ex-dominicano que se tornou um estudioso da Inquisição, instituição formada pela ordem dos dominicanos e um ateu, ex-frade que se tornou um historiador da religião no Brasil.

É POSSÍVEL AFIRMAR QUE AS RELIGIÕES AFRODESCENDENTES SE COLOCAM DE FORMA MAIS INCLUSIVA, NO QUE DIZ RESPEITO À DIVERSIDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL? O SENHOR OBSERVA ISSO NA PRÁTICA?

Sim, de fato nós, como brasileiros, ocidentais, membros dessa sociedade judaico-cristã, da cristandade, nós sofremos os perniciosos efeitos repressivos da sexualidade com base no legado do Levítico, do Antigo Testamento, e nas Epístolas de Paulo, que consideram o sexo como algo senão diabólico, como algo restrito a funções procriativas, no leito conjugal, matrimonial. Há pesquisas antropológicas que mostram que isso não é uma tendência, essa homofobia cultural, tão dominante no ocidente e também na religião muçulmana, portanto, é uma homofobia abraâmica, porque Abraão é o patriarca das três religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Isso não é uma tendência universal e majoritária. Segundo Ford e Beach6, 36% das sociedades são homofóbicas enquanto 64% são favoráveis ao amor entre pessoas do mesmo sexo.

No caso do Brasil, nós entramos nessa tradição homofóbica que foi fundante na constituição da sociedade brasileira, porque um núcleo de colonizadores brancos que nunca representou mais que 20% da população, domina mais de 80% da população. Se excluirmos desses 20%, 10% de mulheres, velhos, serão no fundo 10% de machos brancos que vão dominar 90% da população, entre mulheres, negros, índios, mestiços, escravos, etc. Para dominar tanta gente oprimida, o macho puritano hétero precisou desenvolver padrões de conduta extremamente

5. E SOUZA, Laura de Mello; DE ALENCASTRO, Luis Felipe; SEVCENKO, Nicolau (Ed.). **História da vida privada no Brasil**. Companhia das Letras, 1998.

6. FORD, C.; BEACH, F. **Patterns of sexual behavior**. London, Eyre & Spottiswoode, 1952.

violentos, caso contrário os negros, os índios, os escravos se rebelariam e dominariam o Novo Mundo. Isso implicou em afastar qualquer traço de efeminação, de delicadeza, de hegemonia do macho, da falocracia, do patriarcado, porque isso ameaçava o projeto colonial de dominação, de manutenção de hegemonia do macho branco.

As religiões de outros povos, entre indígenas e africanos, que aqui se desenvolveram, tinham um panteão e um imaginário e uma mitologia completamente diferente da sexofobia e da homofobia das religiões de tradição abraâmica. O que a gente percebe é que o panteão dos ioruba, dos orixás, se assemelha ao dos gregos, dos romanos e de outras culturas do Velho Mundo em que os deuses, assim como acontece entre os indígenas, tem hábitos, costumes, pecados cabeludos como os humanos em termos de relações com o mesmo sexo, travestismo, adultério, incesto.

Então, as religiões afro-brasileiras têm todo um imaginário homoerótico incorporado e de travestilidade, também incorporada nos seus rituais e no seu imaginário mitológico, o que não implica necessariamente que sempre foi assim e que elas sejam baluartes da liberação e do respeito à diversidade sexual. A quantidade de pais e mães de santo homossexuais na Bahia, Pernambuco que continuam no armário é grande. Embora a liberdade de expressão homoerótica na gestualidade, na indumentária, etc., seja forte nas religiões de tradição africana, isso não implica em um discurso libertador. Pelo contrário, já estive em terreiros de candomblé em que havia homofobia e havia uma relação de gênero extremamente tensa, em que não queriam deixar que uma travesti ficasse do lado feminino no barracão. Contudo, não deixa de ser muito melhor a aceitação e a presença de homossexuais, travestis e transexuais nas religiões afro-brasileiras do que nas demais religiões, sobretudo nas mais recentes fundamentalistas pentecostais, que são as novas inquisições da contemporaneidade.

UMA DAS COISAS QUE MAIS SENTIMOS EM SALA DE AULA, NOS MESTRADOS E DOUTORADOS, SÃO OS LIMITES ENTRE A PRÁTICA DE UM ANTROPÓLOGO, CHAMADA TEÓRICA, E UMA PRÁTICA CHAMADA MILITANTE. ÁS VEZES A ANTROPOLOGIA TEÓRICA SE MISTURA COM ESSA ANTROPOLOGIA MILITANTE. COMO O SENHOR VÊ ESSA PRÁTICA DA ANTROPOLOGIA MILITANTE DE "ESCOLHA DE LADO"?

Quando fazia o primeiro ou segundo ano de antropologia na USP, o professor Antonio Augusto Arantes Neto, citando Mao Tsé-Tung disse "quem não pesquisou, não tem direito a palavra". Um pouco radical, mas primeiro valorizou na minha cabeça a importância da pesquisa material-empírica, sobretudo vendo como o material etnográfico do Malinowski ainda era extremamente atual e utilizado e por outro lado suas teorias de cultura e funcionalismo já estavam completamente caducas. Aprendi também de um vaqueiro de meu pai no interior de São Paulo, que me deu uma lição de vida intelectual, que "mais vale a prática que a gramática".

Eu, na verdade, assumo que não passo de um etnógrafo, quase um folclorista, no sentido que as teorias nunca me fascinaram, nunca pretendi dar tratamento mais abstrato e metafísico ao meu material coletado. Eu fiz muito mais trabalho de bricoler, como dizia Lévi-Strauss, quase de um colecionador de um antiquário que vai juntando os documentos e vai procurando as respectividades, as singularidades ou generalidades.

Essa parte da militância, para mim, é uma crescente nas ciências sociais porque os antropólogos, de pontas de lança do colonialismo ou do imperialismo, se tornaram porta-vozes de povos ágrafos, captando lideranças, resgatando tradições tribais e dos grupos minoritários aqui pesquisados. De modo que eu considero que, no Brasil, a antropologia teve e continua tendo esse papel fundamental não só no resgate da história, das lideranças, do passado das sociedades ou grupos tribais ou étnicos, ou sociais urbanos que estuda, mas em ter mantido o contato positivo, solidário e simpático com essas minorias. Então, se para os grupos indígenas e de negros, todas essas questões de demarcação territorial, do quilombismo etc., continuam sendo a pauta fundamental dos que trabalham com negros e índios, a questão dos direitos das minorias, das mulheres, teve também um apoio muito significativo daqueles que estudam teoria de gênero.

A questão da sexualidade, sempre foi um segundo plano, um tema mais tabu, tanto que na minha aula de professor titular aqui na UFBA, eu falei exatamente sobre teoria antropológica e sexualidade humana, em que eu fiz esse resgate falando que quando Evans-Pritchard deixou na gaveta, por mais de três décadas, um artigo que tinha feito sobre sexualidade entre, se não me engano, os Azande lá na África, refletia uma visão vitoriana da Ciência e das Ciências Sociais, que em vez de ter seguido a proposição do precursor Malinowski, que já nos anos 20 e 30, que dizia que é preciso tirar a folha de parreira que esconde a nudez e estudá-la na sua integralidade, na sua inocência, continuavam ainda vitorianos.

De modo que eu considero que eu tive um papel importante nessa abertura, nesse pioneirismo de estudar a sexualidade entre os brasileiros em uma perspectiva histórica através dos processos sodomitas perseguidos pela Inquisição portuguesa e que infelizmente isso abriu caminho pra um

campo cada vez mais fértil. Eu vejo a quantidade de centros de estudo, de departamentos de antropologia e áreas afins que desenvolvem pesquisa sobre esse tema.

TEM MUITA GENTE QUE ACOMPANHA O SENHOR COMO REFERENCIAL NA TEMÁTICA LGBT E DE PLURALIDADE DE PRÁTICAS RELIGIOSAS, COM SEUS TEXTOS CLÁSSICOS E A SUA TRAJETÓRIA. NÓS GOSTARÍAMOS QUE O SENHOR DEIXASSE UMA MENSAGEM PARA ESSES JOVENS HISTORIADORES E ANTROPÓLOGOS QUE ACOMPANHAM A SUA PRODUÇÃO. O QUE O SENHOR PODERIA DIZER A ESSES JOVENS QUE ESTÃO INICIANDO NESSAS TEMÁTICAS, DE QUE FORMA CAMINHAR?

Primeiro, como antropólogo de formação, digo para quem não fez curso sistemático regular de História, que não tenha medo de fazer antropologia do passado. Eu nunca estudei paleografia e, pra dizer a verdade, só tive um curso de um semestre de História com o professor Carlos Guilherme Mota e consegui me desenvolver bem nessa área, não desfazendo da necessidade de uma capacitação específica e cuidadosa na Historiografia, na Teoria da História, etc. Porém é possível fazer antropologia do passado bem sucedida e aplaudida.

Segundo, que amplie sempre o campo de pesquisa, no sentido de ser um especialista não apenas na pata esquerda do elefante branco, mas pegar outras áreas, ampliar o leque, porque isso permite diálogo de temas, de especialistas em diferentes áreas.

Terceiro, escolher temas de pesquisa que dêem Ibope, que sejam importantes em termos de dar uma contribuição em se conhecer uma história desconhecida, de resgatar uma saga de um povo ou de uma pessoa, como eu fiz com a Rosa Egipcíaca7, escrevendo uma monografia de micro História de 600 páginas documentadas sobre uma ex-prostituta escrava africana que virou santa e foi perseguida pela Inquisição. Quer dizer, pegar temas que sejam relevantes e não ficar apenas em discussões de opiniões teóricas de autores e mais autores.

Outro ponto que eu salientaria, quarto, é que tem tanto assunto que ainda não foi pesquisado a contento, tanto documento histórico inédito que não justifica não abrir novas frentes de pesquisa e buscar novas áreas de investigação.

E quinto, ser generoso, no sentido de saber quem está pesquisando o que, e encontrando documentos, dicas, pistas, que possam colaborar com outro pesquisador, compartilhar. Eu me sinto felicíssimo de me ver citado nas notas de Laura, de Mario Souza, de Ronaldo Vainfas, de Gorender, de João Reis, em agradecimento a material que eu enviei, de modo que compartilhar é uma maneira de também receber contribuições que eu constantemente tenho que agradecer pessoas que estão colaborando com a minha pesquisa.

Finalizando, pensar que fazer História é como ciência, é na verdade procurar rigor na transcrição documental, na aproximação das fontes, na crítica das fontes. No sentido que nossa pesquisa não seja um mero romance ou um mero jornalismo, porém procurar as causas, sem as generalizar, para que sirva de lição para o presente, porque a gente pode ajudar a superar tantos aspectos negativos, destrutivos e cruéis da nossa contemporaneidade entendendo as raízes desses nossos comportamentos e da nossa cultura.

PROFESSOR, MUITO OBRIGADOPELA SUA GENEROSIDADE.

7. MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil Colonial.**Cadernos IHU Idéias, Ano**, v. 3.